

MARIZA PETERLEVITZ COSTA



1290000298



FE

TCC/UNICAMP C823L

***A LEITURA E ESCRITA PARA
LYGIA BOJUNGA NUNES***

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAMPINAS – SP

2001.

MARIZA PETERLEVITZ COSTA

***A LEITURA E ESCRITA PARA
LYGIA BOJUNGA NUNES***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação Prof. Dr. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Campinas, SP
2001

© by Mariza Peterlevitz Costa, 2001.

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC-UNICAMP
	C823L
VL	EX
TOMBO	298
PROG	124/2005
C	D: X
PREÇO	11.00
DATA	05.11.103
Nº CPD	Int. ad. 309209

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

C823L

Costa, Mariza Peterlevitz.

A leitura e a escrita para Lygia Bojunga Nunes / Mariza Peterlevitz Costa.
-- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Norma Sandra Ferreira de Almeida.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Nunes, Lygia Bojunga, 1932- . 2. Leitura. 3. Literatura infantil.
4. Literatura - Crítica. 5. Escrita. I. Almeida, Norma Sandra Ferreira de.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

01-0207-BFE

Prof. Dr. Norma Sandra de Almeida Ferreira
1º Leitor

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva
2º Leitor

**Dedico este trabalho
a meu noivo Verner,
meu pai Jurandir,
meus irmãos Ivan e Cláudio
e a minha mãe Dalva.**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que por sua benção, deu a capacidade necessária para a realização do presente.

Agradeço a meu noivo, que dispensou horas de conversa e namoro para se expressar como um fiel digitador e leitor.

Agradeço a minha família que suportou os momentos de crise e as noites em claro para que este trabalho chegasse ao ponto que chegou, além de estar sempre pronta a auxiliar em todos os momentos de minha formação.

Agradeço a minha amiga e orientadora Norma, que apesar dos momentos de exaustão ocasionados pela vida acadêmica, dedicou tempo e vontade na realização deste trabalho, além de dar ânimo e vida a este.

Agradeço também aos amigos do IPEEL, local de trabalho, que me proporcionaram através da prática escolar, uma nova reflexão e um novo olhar sobre o tema discutido.

E também agradeço aos amigos da universidade que apoiaram e incentivaram a realização deste trabalho.

Assim o faço.

“... Lygia é um caso à parte em nossa literatura para crianças e jovens. Comparando à maioria dos autores brasileiros de sucesso, no campo, ela produz pouco. Mas o pouco numérico é o muito que nos falta na literatura juvenil: originalidade, sensibilidade, profundidade, universalidade...”

Edmir Perrotti

Sumário

Resumo	01
Introdução	02
1 - Histórico da Literatura Infantil no Brasil	04
2 - Lygia Bojunga Nunes	15
2.1 Biografia	15
2.2 A produção crítica sobre Lygia Bojunga Nunes	19
2.3 A linguagem criada por Lygia Bojunga Nunes	19
2.4 Os temas discutidos por Bojunga	22
2.5 A estrutura narrativa	23
2.6 Personagens	25
2.7 A influência de Monteiro Lobato	27
2.8 Considerações	28
3 - Leitura e Escrita	29
4 - A Leitura e a Escrita para Lygia Bojunga Nunes	33
4.1 Ler e escrever tematizado por Lygia Bojunga	35
4.2 O ato de escrever	37
4.3 – A leitura e o leitor	44
5 - Considerações (Não) Finais	48
Bibliografia	50

Resumo

A Literatura Infantil Brasileira é muito rica em vários aspectos, especialmente ao tratar o tema leitura e escrita.

Pensando nisso, buscamos focalizar a escritora Lygia Bojunga Nunes e, através de um conjunto de sua obra, analisarmos o que esta autora define como leitura e escrita.

Para tanto, recortamos a obra da autora e nos detivemos na sua trilogia, formada por “Livro, um encontro com Lygia Bojunga”, “Fazendo Ana Paz” e “Paisagem”, que nos contam sobre o processo de leitura e escrita.

As considerações a que chegamos foram poucas, mas nos trouxeram a alegria de descobrir em Bojunga uma escritora fascinada pelo ato de ler e escrever e que apesar de não ter essas práticas bem definidas em suas conceituações, expressa o desejo de fazê-las um instrumento de socialização dos indivíduos, de reflexão e de conquistas.

Introdução

Em minha infância tive vários contatos com as obras de Lygia Bojunga Nunes. Li *Bolsa Amarela*, *Os Colegas* e outros. Encantei-me com os personagens Flor-de-Lis e Raquel que enfrentavam seus medos, sempre buscando seus sonhos. Agora, tendo novamente um contato com as obras de Lygia Bojunga, pude vivenciar experiências novas e adquirir um novo olhar sobre esta autora. Um olhar de uma professora em formação, imaginando projetos de trabalho e possibilidades de mediação entre essa literatura e novos leitores, os alunos. Um olhar de adulto que me deixou instigada a estudar mais sobre esta autora e sobre aquilo que ela considera como obra de literatura infantil.

Optei por focar o modo como essa autora vê e fala sobre o processo de leitura e escrita. Nesta perspectiva, busquei, após ler suas obras, centrar a análise em uma parte : a trilogia apresentada por Bojunga: “Livro, um encontro com Lygia Bojunga”, “Fazendo Ana Paz” e “Paisagem”, obras essas que tematizam para ela o que significa ler e escrever.

No desenrolar deste encontro com a obra de Bojunga, apresentamos neste trabalho o seguinte percurso: em primeiro lugar, resgatamos um pouco da história da Literatura Infantil no Brasil, percorrendo, ainda que de maneira panorâmica, os primórdios desta história e nos detivemos aos dias atuais, com o intuito de localizar a época em que Lygia Bojunga insere-se.

Em um segundo momento, discorremos sobre a própria autora em questão, sua biografia, sua vida, suas habilidades, produção publicada e premiada e, além de tudo, algumas críticas que dispensam a esta autora e a suas obras.

Foi interessante reservar um pequeno espaço para que pudéssemos entender o que seria a leitura e a escrita para outros autores, escritores e leitores em suas determinadas épocas e habilidades, quais seus objetivos e qual a relação com a autora estudada para que, finalmente, voltar para Lygia Bojunga e através da leitura e

significação de suas obras, dar ao prazer de discorrer sobre o estilo de leitura e de escrita da autora.

Deste modo, buscamos investigar, através das três obras citadas (*Livro, Fazendo Ana Paz e Paisagem*): qual representação a autora tece sobre leitura e escrita. O que é a escrita? O que é a leitura? Como isso aparece? Como a autora coloca o mistério da leitura e da escrita para seus leitores?

A metodologia utilizada para esta análise foi uma pesquisa bibliográfica, sistematizada pela leitura de análise, em busca do processo de produção do conhecimento que nos interessou. Cada obra foi lida e nela foram anotados comentários, impressões, reflexões que determinados trechos nos provocavam. Em seguida, foram copiados trechos dos livros que apresentassem aspectos sobre a leitura e a escrita para a autora. Os trechos foram (re)lidos e agrupados em torno de determinadas categorias estabelecidas a partir de idéias nucleares presentes nos destaques. Nomeamos cada categoria e passamos a tecer alguns comentários sobre a leitura e a escrita .

Capítulo I

Breve histórico da Literatura Infantil no Brasil.

A Literatura Infantil no Brasil surgiu no entresséculos XIX e XX.

A publicação de livros para crianças se inicia com a Implantação da Imprensa Régia, em 1808, mas, por serem publicações esporádicas, não foram suficientes para caracterizar a origem da Literatura Infantil Brasileira.

Até esta data, este tipo de Literatura era toda importada, tendo forte influência européia, principalmente a galega, sendo acessível apenas para a elite brasileira. A literatura desta época tem em seu repertório a tradução de obras infantis européias, traduções estas que foram viabilizadas primeiramente pela Livraria Quaresma, através de escritores/tradutores como Figueiredo Pimentel, o primeiro brasileiro a compilar e adaptar histórias infantis do acervo europeu. Existiam escritores brasileiros, mas tinham suas obras publicadas apenas na Europa, já que aqui não havia editoras.

No período em que ocorrem a Abolição dos Escravos (1888) e a Proclamação da República (1889), surge a literatura infantil no Brasil, junto com as transformações do país, com o anseio de se implantar a escola obrigatória para todos, com mudanças políticas, econômicas, sociais. É nesse processo de mudança que emergem fatores que irão determinar a formação do gênero literário em questão.

Um desses fatores é o desejo do governo brasileiro em formar uma boa imagem do Brasil perante o mundo, uma imagem de um país em "*processo de modernização*".¹

A passagem de uma sociedade escravocrata para uma sociedade livre traz a urbanização do país, mais pessoas na cidade, implantação do comércio e da indústria, necessidade de escolarização, além de uma intensa campanha de alfabetização, que aumenta a necessidade da produção de livros escolares. Para uma nova sociedade, um novo público leitor, e por isso, um novo mercado para literatura. Esse novo mercado

facilita muitas coisas, inclusive a busca de uma linguagem “brasileira”, levando a Literatura Infantil a dar os primeiros passos em busca do nacionalismo, abrindo as portas para a difusão das grandezas e da modernidade do país. O eixo de difusão de tudo isso era a escola.

O contexto cultural em que se desenvolve os primeiros anos da Literatura Infantil Brasileira traz a referência de foco nos vários “Brasis”, que acabam por compor um mosaico apresentado por Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Raul Pompéia.

Nesta perspectiva, podemos ver que a Literatura Infantil surge com base na nova política do país, com o fortalecimento da escola e das campanhas cívicas, que também se relacionam à ideologia nacionalista da Literatura Infantil.

Os livros escolares e os infantis para leitura de entretenimento são muito próximos nesta época, e vale ressaltar a importância disso para a produção literária e didática ao público infantil, pois traduziam muito bem a lição que deveria ser aprendida, segundo o nacionalismo: o patriotismo, o amor e respeito à família e à escola, a importância do trabalho que dignifica o homem, o espírito de solidariedade e de comunidade. Esses apelos aos bons sentimentos pessoais e patrióticos são escritos numa obsessiva preocupação com a linguagem correta, limpa e modelar para o leitor infantil. A Literatura e os livros didáticos dão lições de moral, e lições de um modelo para o uso da escrita da Língua Portuguesa.

Os primeiros contos brasileiros que marcam o início da literatura “totalmente” brasileira começam a ser editados a partir de 1886, com Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira escrevendo Contos Infantis. Em 1904, é editado Contos Pátrios, escrito por Olavo Bilac e Coelho Neto. Em 1907, Histórias da Nossa Terra, por Júlia Lopes de Almeida. Olavo Bilac e Manuel Bonfim fazem uma narrativa longa, Através do Brasil, em 1910. Um exemplo destas a poesia A Pátria, de Olavo Bilac:

¹ Regina ZILBERMAN, “Um Brasil para crianças”, p. 15

*"Ama, com fê e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança não verás nenhum país com este!
Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!
A natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!"*

*Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...
Que com seu suor a fecunda e umedece
Vê pago o seu esforço, e é feliz e enriquece!*

*Criança! Não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!"²*

Neste poema, a imagem da criança leitora é tecida como aquela que lê na linguagem literária as lições de amor à pátria, dá importância ao trabalho e à imitação na grandeza da terra.

E em 1919, Tales de Andrade, criador do nacionalismo na década de 30, praticamente encerra o primeiro período da Literatura Infantil do Brasil com o romance Saudade.

Nesse percurso histórico, podemos caminhar cerca de 30 anos após o início da República Federativa, e nos determos na década de 1920. Neste contexto, com uma significativa produção literária, em Literatura Infantil, emerge Monteiro Lobato.

² BILAC, Olavo "A Pátria": IN Poesias Infantis, RJ, Francisco Alves, 1949, p. 123

Em 1921, Lobato inaugura uma fase bastante produtiva para a Literatura Infantil Brasileira, lançando no mercado o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Destaca-se em relação aos outros escritores anteriores pela qualidade e ousadia nos temas e debates dos quais podem ser citados como exemplo: a guerra, criança, petróleo, política e outros. No conjunto de sua obra, opta por uma linguagem simples e criativa quer na fala do narrador, quer na fala dos personagens. Afastando-se de uma perspectiva dicotômica presente na literatura infantil até então, Lobato mistura ficção com a realidade, unindo o Brasil rural com o urbano que se moderniza.

Monteiro Lobato traz para seus leitores um projeto de consciência crítica, exercitando liberdade de pensamento, de questionamento, de busca do conhecimento, ora através de personagens humanas, ora através de personagens imaginários, como uma boneca que fala ou um sabugo que filosofa.

Através de uma linguagem bastante coloquial e com marcas da realidade brasileira, busca, como outros autores do Modernismo, dar aos seus personagens uma modalidade de linguagem coerente ao seu papel e função na obra. Pode-se dizer ainda que este autor oferece a seus leitores o folclore de nosso país, permeado por discussões políticas e sociais.

Lobato resume seu sonho e ideal de país naquilo que apresenta em *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em que democracia, realidade e fantasia se misturam, onde os novos questionam os mais velhos, onde há troca de conhecimentos e ensinamentos entre crianças e adultos, e onde todos juntos buscam soluções para o nosso país.

Continuando este percurso histórico, podemos nos deter aos anos 30. Nesta época, verificamos a tomada de poder por um Governo Revolucionário, pelo presidente Getúlio Vargas, que promove o desenvolvimento em algumas áreas do país, mas, em outras, mantém o supradesenvolvimento, o mandonismo. Movimentos que se deram nos anos 20 vão desembocar nos anos 30, e fazer com que os anseios dos grupos urbanos em ascensão sejam respondidos. Um dos resultados desta conjuntura é uma verdadeira aceleração da modernização social, e por consequência um crescimento na produção

artístico-literária, caracterizada por uma maior divulgação dos produtos intelectuais, já que há a evolução do rádio, da imprensa e a formação de universidades.

Além disso, o governo Revolucionário de Vargas traz ao país uma nova estrutura de ensino, tornando a educação primária obrigatória, destacando o ensino técnico e instituindo cursos superiores através da fundação da Universidade de São Paulo (1934) e da Universidade do Brasil (1937).

Há um crescimento quantitativo da produção literária para crianças, e os autores comprometidos demonstram um mercado em ascensão. Isso se relaciona com a situação social, que é marcada por uma consolidação da classe média, o aumento da escolarização urbana e também a nova posição da literatura após a Revolução Modernista ocorrida na década de 20.

O que se nota neste período é que, economicamente, o capitalismo desenvolvimentista expande o mercado editorial e, ao mesmo tempo, politicamente ocorre a expansão de uma ideologia nacionalista e culto à personalidade do ditador.

O sucesso de Monteiro Lobato, iniciado na década de 20, continua nesta época. Surge, em 1931, Reinações de Narizinho, que dá início a etapa mais fervorosa da ficção infantil, além do aparecimento de autores como Viriato Correa, Malba Tahan, e outros escritores modernistas. Os autores desta época recorrem ao folclore, às histórias populares, criam narrativas originais, histórias de aventuras, predominando a ficção, sem deixar de lado a poesia infantil. Os autores que podemos destacar são José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Cecília Meireles, Jorge de Lima e Antônio Barata.

Vale ressaltar nesta década, três aspectos muito significativos para a produção literária para crianças. O primeiro destes é o nacionalismo, que visa buscar na cultura brasileira elementos que determinem o estilo literário para crianças, fugindo da influência européia daquele momento. O segundo aspecto volta-se para a exploração da tradição popular consolidada em lendas e histórias, expressando a pureza nacional, as

características do homem brasileiro e as peculiaridades da raça. E o terceiro aspecto é a inclinação educativa dessa literatura.

As décadas de 40 e 50 , são uma fase de produção em série e intensa, que traz a repetição de temas e personagens de um livro para outro, explorando cada tema ao extremo, e facilitando uma tendência da época que era a profissionalização e a especialização por parte das editoras e escritores. É nessa época que surgem livros como o da Coleção O Cachorrinho Samba, de Maria José Dupré, ou Éramos Seis.

Os anos 40 a 60 foram conturbados pela ditadura de Vargas e pela idéia oscilante de atender aos interesses nacionais da classe trabalhadora e aos da classe média, entre o nacionalismo ufanista e as relações internacionais, entre os momentos da 2ª guerra e as relações comerciais com países como os EUA.

Nos anos 60, o país expressa uma imagem de modernismo em expansão, com o desenvolvimento da indústria brasileira reforçada por investimentos estrangeiros e pela lei de desenvolvimento de pequenos pólos no país, alinhado com o mundo capitalista e dependendo, econômica e ideologicamente, dele. É em meio a este rumo tomado pelo Brasil, agora sob a ditadura militar, que se multiplicam as instituições voltadas para a Literatura direcionada ao público infantil e escolar. Após cem anos do início da Literatura Infantil Brasileira com uma quantidade notória de títulos infantis, surgem a Fundação Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968).

Inserida como mercadoria a ser produzida e vendida em um mercado que cresce junto com o desenvolvimento acelerado da economia do país, a Literatura Infantil é “reduzida” a uma situação de produção e reprodução de obras de acordo com aquilo que o mercado exige.

Esse mercado, no entanto, não é dos pequenos leitores, mas sim dos que se colocam entre a criança e o livro, que no caso são a família, a escola, o Estado. Nesta

perspectiva, há que se buscar aquilo que é considerado bom para a criança segundo a ideologia do adulto que escolhe, que indica e compra o livro para o leitor infantil.

Podemos dizer que a Literatura Infantil chega aos anos 60 e 70 com uma linguagem literária bem diversificada, com novos materiais, com autores e públicos já identificados e reconhecidos, mas também com uma profunda dependência da escola para formação de leitores, quer na adoção dos livros, quer embalado numa literatura que apregoa aos quatro ventos a necessidade de nos tornarmos um país leitor.

Nesta época a Literatura Infantil se beneficia da legislação para promover a leitura nas escolas, uma vez que a lei de diretrizes e bases da educação determina que todas as escolas adotem a leitura de autores brasileiros. Ocorre o chamado *boom* da literatura Infantil, com o mercado escolar forçando a aumentar a procura pelos livros brasileiros, uma indústria cultural alimentada por edições de livros cujo objetivo é atrair os não- leitores.

Do muito que se pode destacar desta época, queremos chamar a atenção para a influência lobatiana sobre autores brasileiros da década de 70, em vários pontos: invenção de personagens novos a cada história, e que possuem certo tom de humor, satirizando os acontecimentos atuais, como por exemplo João Carlos Marinho; o gosto por aventura e questionamento destacando-se nessa característica Orígenes Lessa, com obras como Os Homens de Cavanhaque de Fogo ou Confissões de um Vira-Latas; autores como Ziraldo, Antonieta Dias, Ana Maria Machado e outros, que se dedicam a temas folclóricos, revalorizando a cultura popular através das raízes orais. Essa revalorização passa não por um puro ufanismo, mas passa entrelaçando crítica e conhecimento de um povo de diferentes culturas e influências.

Outro ponto marcante de Lobato é a criação de narrativas longas. Essa talvez seja a característica que explique o pouco aproveitamento de suas obras nas escolas de Ensino Fundamental nestas últimas décadas e a ausência de escritores seguidores dessa característica.

É importante destacar que a Literatura Infantil se apresentava sisuda e é abalada pelo inventor de Emília, que traz riso e crítica aos livros anteriormente editados para crianças. Este estilo humorístico e risonho influencia também outros escritores como a prosa poética de Campos Queirós e de Ruth Rocha, oferecendo simpatia e alegria na sonoridade das rimas no uso lúdico da linguagem.

Além desses autores que, aproximando-se mais ou menos de uma produção lobatiana fortaleceram o mercado editorial, segundo Lajolo (1985) já uma literatura, hoje, destinada ao público infantil, que trata de assuntos antes considerados tabus para se apresentar às crianças. Autores como Wander Piroli, Luiz Fernando Emediato, Domingos Pellegrini, Terezinha Alvarenga, Henry Correa e Ary Quintella, são ilustrativos desta produção, com temas relacionados à sexualidade, morte e conflitos de raça, dando outra visão às crianças. É a não aceitação de uma literatura fantasiosa, fora da realidade e dos problemas do cotidiano, daquela que considera a criança como um leitor que precisa ser poupado e é incapaz de lidar com a realidade.

A partir dos anos 70 surgem, na poesia, autores como Cecília Meireles, Sidônio, Mario Quintana e Vinícius. Na prosa poética, temos Campos Queirós, Luiz Raul Machado, além de Jorge Amado. No teatro, podemos ressaltar a importância de Maria Clara Machado e Lúcia Benedetti. Marina Colasanti, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida e Chico Buarque buscam no conto de fadas uma forma de expressão do político reprimido até então pela censura do Regime Militar sobre os livros do público adulto. E ainda Érico Veríssimo e Sylvia Orthof, ambos usando o cômico e a irreverência dentro do conto fantástico.

Pertencente a este momento da história da literatura, dos anos 70, e juntando-se a este elenco de escritores para crianças, destaca-se Lygia Bojunga Nunes com temas sociais, humanos e psicológicos, misturando intensa dose de fantasia.

Nos anos 80, a produção de literatura infantil tematiza, além de aspectos já comentados, o cotidiano infantil, a fantasia, mistério, horror, folclore, religião e propõe a reflexão do papel desta literatura, da qualidade das obras produzidas, do papel da escola

na formação dos professores de literatura. Autores como Edmir Perrotti, Laura Sadroni e Marisa Lajolo trazem temas como o leitor infantil, a história da leitura e da literatura, discussões em torno da importância de se formar leitores em um país em que não se lê, e também sobre a importância da qualidade dos livros para o público leitor.

Podemos dizer ainda que a partir dos anos 80 está instalada uma crítica com objetivo de melhor qualidade na linguagem literária, que permite assim uma maior exigência de melhores projetos gráficos de livros produzidos para crianças.

Isso proporciona, a criança dos anos 90, acesso a uma produção de livros de literatura e de informações quantitativamente significativa e diversificada nos temas como medo, profissões, auto-estima, criticidade; nos gêneros como poesia, fábulas, narrativas de suspense, peças de teatro, etc.

Se podemos dizer que existe ainda uma linha conservadora da Literatura Infantil, textos moralistas, que variando cenários e aventuras mostra personagens infantis como modelos de bons sentimentos e ações virtuosas ao leitor infantil, também podemos dizer que cresce uma produção de livros de Literatura Infantil na perspectiva emancipatória e simbólica.

Há uma diversidade de livros de Literatura Infantil que atingem a todos os gostos e tipos de pessoas. Busca-se, agora, qualquer e todo o leitor. Aquela criança que ainda não aprendeu a ler, a criança que inicia a aprendizagem da escrita.

O formato dos livros, a arte gráfica e a linguagem são recursos intencionais de autores e editoras para chamar a atenção dos leitores e fazê-los se interessar pelo livro.

Há textos lúdicos em que as crianças participam da história se inserindo como personagens desta, e fazendo da leitura uma grande brincadeira. Há livros interativos, em que o leitor escolhe os acontecimentos, o início, o fim, e até os personagens da história. Há livros que atraem pela arte gráfica exuberante e moderna. Há livros que fogem do formato convencional e optam por chamar a atenção do leitor por novas formas que atingem desde o formato de animais, objetos, até o de partes do corpo

humano ou até mesmo da figura do corpo humano, livros que atingem tamanhos minúsculos ou monstruosos. Há livros ainda que apelam para o material manuseado na leitura: livros de plástico, de pano, de papel jornal, de papel nobre, de papel reciclado, de material sintético, com folhas descartáveis, com folhas de anotação no meio da história, com figuras tridimensionais, com figuras manipuláveis, livros com espelhos, com desenhos para serem pintados e terminados pelo leitor, livros que emitem algum som, ou até mesmo livro com figuras que podem ser inseridas pelo leitor no meio da história. Há ainda livros que alcançam a mais alta tecnologia, e são vendidos em forma de CD, para serem visualizados em computadores, ou canhões de apresentação data-show.

Nos anos 90, temos no mercado editorial uma grande massa de livros que visa atrair, conquistar, seduzir cada vez mais o público potencialmente destinado à leitura e ao consumo desta mercadoria. Caça-se o leitor infantil na constatação de que esse público é rendoso para o mercado editorial brasileiro, quer através da escola, quer através da família. Por outro lado, amplas campanhas de incentivo à leitura na mídia e no interior da escola, nos fazem pensar que o livro hoje concorre com outros produtos culturais, como o jornal, as revistas, a TV, vídeos, vídeo games, cinemas e com outros inúmeros e diferentes gêneros de divertimento, diferentes tipos de texto, linguagens que buscam, de igual modo, seduzir o leitor. A cultura escrita não é mais excelência...

*"Para nós o texto escrito é sempre o referencial mais importante, onde se tem a possibilidade de voltar, pensar e refletir. Uma inteligência do mundo mediada pela linguagem oral/escrita. Mas não podemos deixar de pensar que nós mesmos, e parte, e uma maioria, totalmente, estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir de imagens e sons dos painéis, do cinema e dos filmes"*³

Em meio a toda essa massa de livros, acontece a produção de uma parcela significativa de livros que não alcançam as qualidades necessárias para ser um bom livro para o leitor. O "mesmo" livro passa por vários formatos, o velho fica com cara de novo, ora em forma convencional, ora em cd-rom, ora em livros de bolso, ora em livros descartáveis, escondendo na literatura infantil "...obras repletas de clichês, construídas

³ ALMEIDA, M. J. A., *Imagens e Sons: uma nova cultura oral*. SP, Cortez, 1984

à base de cacoetes estilísticos, obedecendo a receitas temáticas e que primam por defeitos de vária sorte... ”⁴

⁴ SERRA, 1998, p.71

Capítulo II

Lygia Bojunga Nunes

2.1- Biografia

Lygia Bojunga Nunes nasce em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932. Vive no sul até cerca de oito anos de idade quando, então, vem morar no Rio de Janeiro. Na adolescência estuda em Belo Horizonte por dois anos, mas depois volta para o Rio.

Conclui o colegial e começa a se preparar para o vestibular de medicina, quando, na mesma época, estão acontecendo os testes para o teatro Duse, em Santa Tereza, que Pascoal Carlos Magno realiza. Bojunga deixa o vestibular e vai atrás de seu grande sonho: ser atriz. Concorre nos testes de teatro e, sendo aprovada em 1º lugar, inicia sua carreira de atriz nesta época.

Em toda sua carreira de atriz, faz parte de várias companhias, inclusive do teatro profissional e repertório de Henriete Morineau.

Com 21 anos, Bojunga casa-se e, depois de dois anos, deixa o teatro. Mas sua paixão continua no meio artístico, atuando no rádio e na televisão onde representa, escreve, traduz e adapta encenações.

Outra paixão de Bojunga, além do teatro, são os livros. Em uma de suas obras, chamada Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes, declara:

*"... para mim livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado fazia degrau... e quando a casinha ficava pronta, eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro... Fui crescendo, e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras... agora o livro alimentava a minha imaginação... Foi assim que devagarinho me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quando mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela ia morar."*⁵

A partir de seu interesse pelos livros, Lygia Bojunga passa a se dedicar à Literatura Infantil, ecoando sua produção em uma escola rural chamada Toca, a qual funda e dirige.

A Editora Abril, em 1969, lança a revista *Recreio*, e convida novos escritores para o público infantil a publicarem contos, crônicas, pequenas narrativas. Essa é a porta de entrada de Bojunga na Literatura Infantil, e também de outras autoras entre as quais destacam-se Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

É nessa época, final dos anos 60, que acontece uma grande explosão da Literatura Infantil no Brasil, devido à, entre outros fatos, Lei de Diretrizes e Bases de 1961 que determina que as escolas devam incluir em seu currículo autores nacionais de literatura infantil.

O país vive um clima político de ditadura e há censura de autores nacionais de livros para o público adulto. Na luta contra o sistema político da época, e na busca de "driblar" a censura, muitos escritores se voltam para a literatura infantil, gênero esquecido pelos censores.

Assim, as escolas, impulsionando o mercado infantil, e a grande quantidade de escritores dedicados a esta área, fermentam uma explosão da literatura infantil no Brasil, e Lygia Bojunga destaca-se com sua produção.

⁵ Lygia BOJUNGA, Livro: Um encontro com Lygia Bojunga Nunes, p. 7 - 8

Os livros de Bojunga são todos premiados nacional e internacionalmente. A Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil lhe dá o Selo de Ouro para todos seus livros como o melhor para criança ou jovem. Os prêmios recebidos pela autora foram:

Os Colegas: Prêmio INL (1971), Prêmio Jabuti(1973), Lista de honra – IBBY(1974);

Angélica: O melhor para criança – FNLIJ (1975)

A Bolsa Amarela: O melhor para a criança – FNLIJ (1976), Lista de Honra – IBBY(1978), Inclusão na obra “Modern Realistic Stories for Children and Young People (1978), inclusão na obra Printed for Children – Monique (1978),

A Casa da Madrinha: O melhor para a criança (1978), Prêmio Literário Flautista de Hamelim(1985), Seleção para o teatro de marionetes/Kalmar(1985), Prêmio Mambebe de Teatro (1995), Prêmio Coca-cola de teatro jovem (1995).

Corda Bamba : Altamente recomendável para o Jovem – FNLIJ (1979).

O Sofá Estampado : O melhor para o jovem e Prêmio APCA (1980), Prêmio Bienal Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil para o auto (1982).

Tchau: O melhor para o Jovem – FNLIJ (1985).

Meu Amigo Pintor : Prêmio Mambembe de Teatro (1986)

Fazendo Ana Paz : Prêmio Jabuti (1993), Prêmio White Ravens (1993).

Pelo conjunto de suas obras, Bojunga recebeu o Prêmio Hans Chistian Andersen, em 1982, prêmio este que é o mais destacado entre todos os outros, uma vez que é reconhecido em todo mundo. Trata-se do Nobel da Literatura Infante Juvenil, que é atribuído a autores e ilustradores da atualidade que tenham um conjunto de obras com grande importância para transformação e melhoria da sociedade. Lygia Bojunga foi a

primeira brasileira a receber este prêmio. E também o Prêmio de “Altamente Recomendável” para tradução nos países membros da Organização Nacional do Livro Infanto- Juvenil, em 1980.

Além de seus livros premiados, até mais de uma vez por entidades diferentes, Bojunga publica ainda: **A Cama, Nós Três, O Abraço, Paisagem, Sete vezes Lucas, Feito à Mão, 7 Cartas e 2 Sonhos.**

Bojunga Nunes tem duas grandes paixões : a Literatura e o Teatro. Sua produção literária é nítida, mas e o teatro? Ficou no passado apenas? Não. Grandes influências teve o teatro através da literatura produzida por Bojunga Nunes.

Mas, apesar desta paixão pelo teatro, a autora sempre confessou que o cotidiano da vida teatral, a convivência com tantas e diversas pessoas de forma obrigatória, nunca esteve de acordo com o seu temperamento.

O que, na verdade, chama a atenção da autora com relação ao teatro é a idéia de se criar novos personagens, mexendo com palavras; A autora sempre teve fascínio pelo teatro, mas nunca foi fiel no cumprimento da sua rotina.

Por isso, o caminho que encontrou para direcionar esse desejo de criação de personagens e atuação com as palavras foi a Literatura.

Assim, podemos entender a íntima relação que existe entre várias obras de Bojunga e o teatro. **Angélica** é um desses livros, que coloca seus personagens em uma peça teatral, que é encenada dentro da história principal. Outro livro é **Livro: um encontro com Lygia Bojunga**, que fez a autora unir suas paixões e em 1988 representar um monólogo sobre sua vida e sua relação com o livro.

Por volta de 1992, funda a “Casa Lygia Bojunga”, que é uma instituição voltada para projetos ligados à realização da mistura entre livros e palco de uma forma artesanal. O primeiro projeto desta casa é a encenação do livro **Fazendo Ana Paz**. Em 1995, realiza-se nesta casa o 2º projeto, a produção do livro artesanal **Feito a Mão**.

Enfim, vemos que Bojunga traz suas paixões bem unidas e durante sua vida vemos marcas destas paixões influenciando seu trabalho.

2.2-A produção crítica sobre Lygia Bojunga Nunes

“Como é que Lygia consegue ser sempre original, ir tão dentro da personagem que inventa, descrevê-la numa linguagem tão sua, tão clara, tão rica?”⁶

Laura Sandroni – O Globo

A transcrição acima, de Sandroni, aponta uma síntese daquilo que representa o estilo literário Bojunga, e o que a crítica literária reconhece como suas qualidades.

Vários aspectos da obra de Lygia Bojunga merecem destaque, dentre estes, podemos falar sobre seus temas, sua linguagem, seus personagens e a estrutura narrativa de suas obras.

2.3– A Linguagem criada por Lygia Bojunga Nunes.

Bojunga faz uso da linguagem coloquial, próxima à criança, que aparece tanto na fala do narrador como dos personagens. Isso não empobrece o texto, de maneira alguma, mas faz com que a autora “jogue” com diferentes e muitos usos da língua, usando-a,

⁶ Laura SANDRONI, O Globo

muitas vezes, como forma de liberdade, e também como uma forma de mostrar sua capacidade de transformar a linguagem a ponto da criança se identificar com ela e entender o seu discurso.

Um exemplo disso acontece no livro **Meu Amigo Pintor**, em que vemos o seguinte:

*“Saqueei o que você me disse naquele dia! Estou entendendo demais esse preto! Te juro que deu um estalo e eu estou entendendo o jeito que esse amarelo pegou.”*⁷

Nesta passagem, podemos ler um discurso mais próximo da fala do que da modalidade da língua escrita, tão comumente usado por autores da literatura infantil em décadas anteriores.

Segundo Lajolo e Zilberman (1988), essa proposta de oferecer uma linguagem da narrativa mais próxima da oralidade busca, na verdade, atender alguns objetivos.

Um deles seria chegar mais perto das estruturas literárias assumidas pelos modernistas desde 1922, que defendiam uma literatura escrita e produzida numa língua “brasileira”, a língua oral do homem comum no seu cotidiano

Outro objetivo, ainda de acordo com Lajolo e Zilberman, seria tornar a oralização do discurso *“coerente com o projeto de trazer para as histórias infantis o heterogêneo universo de crianças marginalizadas, de pobres, de índios”*⁸. Ou seja, colocar o discurso mais próximo das crianças pertencentes a diversos mundos sociais, através da oralização da escrita.

A busca por uma linguagem coloquial torna-se, assim, um ponto para socializar narrativas, e atingir o público infantil de maneira ampla e de acordo com a realidade deste público, que ouve e fala com uma linguagem mais espontânea, direta.

⁷ BOJUNGA, Meu Amigo Pintor, p. 8

⁸ Marisa LAJOLO e Regina ZILBERMAN, Um Brasil para Crianças, p. 153

O interessante é notar que a linguagem de Bojunga Nunes, além de apresentar um discurso “mais claro”, contemporâneo e sem ambigüidades ao leitor infantil, cria uma simplicidade de dizer e um imaginário infantil rico e denso.

A linguagem de Bojunga Nunes traz com destaque a linguagem simbólica, legitimada na constituição de cenários, personagens, na problematização de temas. Um ponto a se ressaltar nesta linguagem é o uso de metáforas.

Laura Sandroni chama essa característica de “concretização da metáfora”, característica esta que consiste no fato de Bojunga utilizar elementos do concreto do cotidiano infantil para tratar de assuntos abstratos.

Um recurso utilizado para o desenrolar dessa situação, segundo Sandroni, é a concretização de sentimentos. O medo de escuro, por exemplo, tão comum nas crianças, se torna algo concreto. Em **Os colegas**, e **A Casa da Madrinha**, as passagens seguintes nos mostram isso:

“Mas, de repente, um relâmpago clareou tudo e ele pode olhar bem dentro da cara da noite. Foi um instantinho só, mas deu muito bem pra ele ver que tinha a maior cara de mentirosa do mundo”⁹.

“Pensou: quadro negro é escuro assim. Quem sabe o giz riscava a escuridão?”¹⁰

É fácil entender que esta linguagem metafórica, longe de distanciar o leitor, constrói uma nova realidade, dá uma nova dimensão aos problemas enfrentados pelo leitor e não tira a transparência do discurso; pelo contrário, faz com que a idéia seja melhor compreendida.

⁹ Lygia BOJUNGA, *Os colegas*, p.58

¹⁰ Lygia BOJUNGA, *A casa madrinha*, p. 80

2.4 – Os temas discutidos por Bojunga Nunes

O ponto de partida das obras de Bojunga Nunes é a infância. Através deste tema, surge uma narrativa cheia de fantasia, com elementos do real que buscam discutir o social, suas idéias dominantes e o lúdico.

Tomando a infância como reflexão central, ela enfatiza as lutas trabalhistas, a exploração pelo trabalho ou ainda a dominação de uma classe social sobre outra, provocando elementos de dúvida e de questionamento no interior do cotidiano infantil.

Para Bojunga Nunes, o conhecimento não é exclusivo e de domínio do adulto sobre a criança. Ela assume, como seu, o papel infantil e trabalha com isso colocando a criança como agente da história, como produtora do conhecimento e, com isso, traçando, ideologicamente, formas de contraposição ao autoritarismo adulto, além de valorizar a natural curiosidade infantil e incentivar sua criatividade.

Em suas obras, Bojunga Nunes destaca a necessidade do conhecimento que é partilhado, *“o intercâmbio de experiências entre os seres... cada um dando o que tem.”*¹¹, para que ninguém superior a ninguém, cada um capaz de lutar por direitos e deveres sociais contra o autoritarismo entre classes sociais e econômicas; entre idades (adulto versus criança); entre culturas.

Na verdade, Bojunga Nunes produz Arte como linguagem que subverte, que rompe, que propõe desafios às outras linguagens que conformam, moldam e ensinam comportamentos e modelos de pensar, sentir, agir, comprometidos com a ideologia dominante. Em Bojunga, *“a arte que ao mesmo tempo é encantamento, magia, é também denunciadora. Através dela o artista critica e reinventa o mundo, liberando suas potencialidades e permitindo aos expectadores/leitores uma visão mais ampla e profunda.”*¹²

¹¹ Laura SANDRONI, “De Lobato a Bojunga: as reações renovadas”, p.118

¹² Ibid, p. 104

Bojunga Nunes lida com propriedade e beleza em seus livros, com o interior do ser humano. São sentimentos de infância, desde o medo , a vontade de crescer, de ser menino, a raiva, a dúvida, o amor.

Nelly Coelho (1993), em uma de suas reflexões sobre a Literatura Infantil, traz a discussão da complexidade do ser humano e mostra que um dos caminhos para apresentar essa complexidade às crianças é a literatura voltada a elas e Bojunga Nunes é uma escritora que ajuda a sustentar essa idéia, já que é uma das seguidoras da linha intimista, apresentando, através de seus personagens, temas relacionados à vida, ao ser, ao ter, e às convenções pré-fixadas.

No intimismo de Bojunga, há uma busca do autoconhecimento para superação dos conflitos internos. Crianças, homens e mulheres com problemas existenciais são representados em suas aventuras e diálogos que denunciam seus problemas mais íntimos, que, no desenrolar da obra, acontece o desenvolvimento e solução desses conflitos.

Bojunga Nunes “ciranda” pelos seus temas, numa característica reflexiva trabalhando o real, a sociedade, num entrelaçamento com o entretenimento que sua literatura proporciona.

2.5- A Estrutura Narrativa

Pode-se afirmar que a obra de Lygia Bojunga traz um trabalho de histórias contadas dentro de histórias, numa construção que se mantém em dois planos. O primeiro, é o chamado por Sandroni (1981), de plano horizontal e é aquele em que são contadas histórias que são comuns a todos os personagens, ou seja, são narrativas que se referem a todos os envolvidos na trama, É o que acontece, por exemplo, no livro **Os Colegas:**

“...sairam pela praia cantando em altos brados e batucando nas caixas de fósforo que tinham encontrado na areia...”¹³

Esta é uma passagem que acontece no livro que se refere a todos os personagens do momento, não interessando apenas a um: os personagens, como um grupo, saem em busca de desafios, de resolução de conflitos. Geralmente é um conjunto de personagens formado em torno de um objeto (desejo, problema, desafio) que os une, aproxima-os, identifica-os.

O outro plano que Sandroni aponta existir é o plano vertical. Neste, a narrativa se detém a fatos que ocorrem no interior de um único personagem, e se referem, na maioria das vezes, a problemas da infância. Este plano pode ser percebido em **Corda Bamba**, que mostra o que vive a menina Maria:

“...só parou quando viu os retratos na parede. Ué: nunca mais tinha se lembrado daquelas caras...”¹⁴

Ou em **A Bolsa Amarela**, com a menina Raquel:

“...não era pra eu ter inventado nada. Saiu sem querer. Sai sempre sem querer o que é que eu posso fazer? E dá sempre confusão, é tão ruim!”¹⁵

Nestas duas passagens, o que percebemos são duas personagens conversando consigo mesmas, tentando resolver lembranças, conflitos internos, que nada têm de comum com o externo, com o real. É um diálogo interior.

A estrutura narrativa de **Bojunga** é ainda entrecortada, recheada e constelada de vários ramos narrativos, quer em utilização de outros gêneros no interior da narração

¹³ Lygia BOJUNGA, *Os Colegas*, p.11

¹⁴ Lygia BOJUNGA, *Corda Bamba*, p. 72

(cartas, bilhetes, quadros) quer na utilização de dispositivos que orientam a produção de sentidos no leitor, tais com asteriscos, parênteses explicativos que completam a narrativa.

A opção pelo foco narrativo em Bojunga pode acontecer em 1ª pessoa como em **Meu Amigo Pintor**:

“...Mas hoje, quando eu acordei, tinha um azul incrível entrando na minha janela. E tinha um sol que era uma coisa linda de tão amarela, um amarelo que quando eu experimentei olhar pra ele na cara ele foi se alaranjando.”¹⁶

Ou ainda vir em terceira pessoa com acontece em **Os Colegas**:

“Naquela noite inauguraram o barco feito com as folhas de zinco e os caixotes velhos.”¹⁷

De qualquer forma, o narrador surge como uma revolução do contar história aliado à linguagem criativa que faz da obra um conjunto de fantasia e realidade, que se misturam em um contexto infantil, cheio de conflitos.

2.6 – Personagens

Como já dissemos, Bojunga funde a imaginação com o real e faz isso na trama e na escolha de suas personagens. Cheias de vida, anticonvencionais, bem-humoradas e enigmáticas, estas personagens sempre representam a criança ou aquilo que está perto dela, ou até mesmo em sua imaginação.

¹⁵ Lygia BOJUNGA, A Bolsa Amarela, p. 14

¹⁶ Lygia BOJUNGA, Meu Amigo Pintor, p. 50

¹⁷ Lygia BOJUNGA, Os Colegas, p. 23

Os participantes das narrativas podem ser humanos, mas muitas vezes, podem também ser animais ou ainda objetos que interagem na narrativa. Isso acontece muito no livro **A Bolsa Amarela**, onde os personagens são um galo, um alfinete, um guarda-chuva, que ganham vida, voz, pensamentos, sentimentos, compondo, junto com pessoas, o enredo.

O interessante é que estes personagens sempre possuem características humanas, mesmo não sendo humanos. Este tipo de recurso usado por Bojunga é denominado por Coelho (1981) de antropofornismo. Um exemplo pode ser lido em **A Casa da Madrinha**, onde a fantasia alcança o mais alto nível de realização:

“Mas de repente, o relógio de pé tomou um susto: lembrou que desde que a turma tinha chegado ele não tinha batido mais hora. Com tanto movimento, tanto entra-e-sai, tanta história, ele tinha se esquecido completamente da vida. Afobou. Não lembrou mais que horas eram, Desatou a bater tudo atrapalhado”¹⁸.

Criar um relógio com sentimentos e atitudes de um ser humano, auxilia a criança leitora a um entendimento mais próximo e concreto para ela. Recurso este já bastante antigo na tradição da literatura infantil, já presente, como sabem, em contos de fadas.

2.7 – A Influência de Lobato.

¹⁸ Lygia BOJUNGA, A Casa da Madrinha, p. 80

As críticas literárias sobre as obras de Bojunga são inumeráveis, mas uma qualidade dessas obras, dentre as quais não apontamos ainda, é o fato de Bojunga ter recebido grande influência de Monteiro Lobato em suas obras. Influência esta também apontada pelas várias críticas de sua obra.

Como percebemos a influência de Lobato nas obras de Bojunga? Vários pontos podem ser aqui destacados.

Em primeiro lugar, assim como Lobato, pode-se verificar em Bojunga uma grande ousadia nos temas e nos debates sociais. Lobato foi considerado até subversivo por essa ousadia, enquanto que Bojunga, em um outro contexto histórico social, busca exercitar a liberdade de pensamento e a liberdade de atuação, oferecendo aos seus leitores uma literatura reflexiva.

Outra característica de Bojunga que parece ser de influência de Lobato é a linguagem. Monteiro Lobato foi o pioneiro em utilizar uma linguagem coloquial, buscando uma maior proximidade com a criança. Bojunga Nunes, nesta perspectiva, usa a linguagem coloquial para atingir o pensamento infantil.

Uma outra característica de influência de Lobato é o uso do recurso da fantasia, com base no antropofornismo. Como vimos, este é o recurso de dar características humanas a personagens animais ou objetos, concretizando idéias abstratas com isso.

E, por último, evidenciamos como influência de Lobato o desvencilhamento em torno do saber do adulto, sempre passível de ser questionado e repensado. Quer para Lobato, quer para Bojunga, todos sabem (crianças e adultos) algo, e o saber se constrói com a colaboração de todos com seus conhecimentos específicos, como fruto das relações humanas.

2.8- Considerações

“... Lygia é um caso à parte em nossa literatura para crianças e jovens. Comparando à maioria dos autores brasileiros de sucesso, no campo, ela produz pouco. Mas o pouco numérico é o muito que nos falta na literatura juvenil: originalidade, sensibilidade, profundidade, universalidade...”

Edmir Perrotti

Assim como Edmir Perrotti comentou no jornal Estado de São Paulo, podemos refletir sobre a obra de Bojunga Nunes. Esta é, realmente, uma das autoras que mais se destacam na qualidade dos livros que produz para a Literatura Infantil.

Bojunga Nunes está preocupada em interagir com a vida de seus leitores e por isso busca escrever de acordo com o seu público, ou seja, a escritora conhece o alvo, conhece seu público, e busca atingi-lo nas suas mais profundas problemáticas.

A escritora usa temas concretos e humanos, presentes no dia-a-dia de todos. Estes temas são basicamente voltados para a verdadeira existência, o auto-sustento, a autofirmação e, por isso, lidam com o interior do mundo infantil.

Bojunga Nunes é uma escritora que não quer alienar seus leitores, mas quer fazê-los entender a vida, e tudo aquilo que faz parte dela, com um olhar crítico e questionador.

Capítulo III

A Leitura e a Escrita

Se pensarmos a leitura e a escrita como práticas, podemos dizer que todo dia milhões de pessoas realizam, também, milhões de atos de leitura e de escrita por diferentes motivos, em diferentes lugares, tendo como suportes de textos diversos, manejando inúmeras habilidades e competências.

Cada ato de leitura ou de escrita traz para cada indivíduo algo de singular e algo que é compartilhado socialmente. Assim é que o indivíduo, logo que exposto ao mundo letrado, compartilha, aprende com sua comunidade de leitores, determinadas expectativas, necessidades, convenções, habilidades, competências, maneiras de ler e de escrever.

Um gesto de leitura ou de escrita, aparentemente igual para alguns indivíduos, pode apresentar valor e significação bastante diversos, pois cada gesto depende de maneiras, de formas partilhadas das mesmas técnicas intelectuais, pelas quais o texto é lido ou escrito. Por outro lado, cada gesto depende também da relação singular e única que cada indivíduo tem com o seu texto.

Leitura e escrita não são processos universais, naturais, imutáveis. Aplicam-se às práticas diversas, são entendidas diferentemente por comunidades de leitores e escritores. Mas como podemos conhecer o que seja o ato de ler e de escrever, no que tem de comum e de diferente entre os indivíduos?

Inúmeros escritores têm refletido sobre o que significa ler e escrever, e têm apontado pistas de como eles vêem essas práticas.

Para Manguel, por exemplo, *“a leitura é a apoteose da escrita...”*¹⁹. O que podemos entender com tal função? Por que a leitura é a apoteose da escrita?

¹⁹ Alberto MANGUEL, *Uma História da Leitura*, p. 208.

Tentando pensar nestas questões, podemos dizer que, para Manguel, talvez seja a glorificação, o momento máximo, a cena final da escrita. Uma traz consigo a outra, uma ilumina a outra, dá sentido a outra, uma não existe sem a outra.

Nesta perspectiva, podemos pensar que, para Manguel, a leitura e a escrita são práticas articuladas, imbricadas, interligadas.

Manguel retoma essa idéia quando fala sobre a relação entre escritor e leitor: “*escritores geram leitores, que por sua vez geram escritores.*”²⁰, num processo de ger(ação), no ato de gerar, fazer aparecer, produzir. Assim é que lemos o que escrevemos. Escrevemos aquilo que lemos. Lemos para escrever. Escrevemos para ler. Lemos porque há escritores. Escrevemos porque há leitores. Texto, autor e mundo espelham-se uns nos outros no ato de leitura, o leitor traz em si o escritor.

Explicita-se, deste modo, a necessidade de existir um leitor para o escritor e um escritor para o leitor, assim como só existe leitura se houver escrita e a escrita só ganha vida na leitura.

Porém, a leitura como ato concreto requer um processo de construção de significados e interpretações e para isso, Manguel(1997) nos apresenta um recurso que são as metáforas da leitura e da escrita.

Uma das metáforas que ele apresenta pode ser associada a funções corporais, como a gastronômica. Escrever é cozinhar, preparar um alimento, por exemplo.

Escritores cozinham histórias, misturam ingredientes do enredo, colocam tempero e experimentam personagens e cenas, colocando pitadas de humor, deixando personagens de molho.

Leitores saboreiam histórias; encontram alimentos para alma e para o corpo nos livros; devoram enredos numa dentada só; banqueteiam-se com a literatura; mastigam as palavras do autor; têm enjôo com tal autor ou gênero.

Pensando em outro autor, encontramos as idéias de leitura e escrita de Michel Certeau. Para Certeau (1992) a escrita é uma prática mítica, moderna que vem organizando todos os instantes de nossa vida, nesses quatro últimos séculos. Mas, por

²⁰ Ibid, p. 291

que mítica? É sustentada por um discurso fragmentado por uma sociedade que se articula em torno desta experiência.

Segundo este autor, escrever “*é uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi perversamente isolado*”.²¹

O primeiro enfrentamento do escritor é a página em branco, espaço de produção para o sujeito, do seu domínio diante de um objeto, do seu querer fazer. O escritor é aquele que terá que gerir em espaço próprio e ao mesmo tempo distinto, estabelecendo um afastamento e uma certa desistência em relação ao mundo ao seu redor.

Um segundo enfrentamento é a articulação de diferentes operações gestuais e mentais, num processo “itinerante”, progressivo e regulamentado, capaz de fabricar, de desenhar letras, palavras, frase sobre o não lugar da folha de papel.

E, por último, escrever é “*imaginarmos ter como alvo a realidade de que se distinguirá em vista de mescla-la*”²², atuar sobre a sua eternidade.

Se para esse autor, escrever é uma prática que “usina” diferentes fragmentos e matérias lingüísticas para busca de uma ordem, a leitura é sempre uma caça furtiva em terras alheias, uma caça fora de temporada.

“Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente mas agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casa, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido.

Com efeito, a leitura não tem lugar: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o telespectador lê a paisagem de sua infância na reportagem da atualidade. A telespectadora que diz da emissão vista na véspera: ‘Era uma coisa idiota, mas eu não desligava’, qual era o lugar que a prendia, que era e no entanto não era o da imagem vista? O mesmo se dá com o leitor: seu lugar não é aqui ou lá, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um como o outro, misturando-os, assciando textos adormecidos mas que ele desperta e habita,

²¹ Michel de CERTEAU, A invenção do Cotidiano, p. 225

²² Michel de CERTEAU, A invenção do Cotidiano, p. 226

não sendo nunca o seu proprietário. Assim, escapa também à lei de cada texto em particular, como à do meio social.”²³

²³ Ibid, p. 269 – 670

Capítulo IV

A Leitura e a Escrita para Lygia Bojunga Nunes

Difícil tem sido conhecer, decifrar, entender como se dá o ato de ler e de escrever. Um dos caminhos para se conhecer um pouco sobre essas práticas tem sido buscar depoimentos dos próprios leitores e escritores. Como eles lêem e escrevem? Quais são suas dificuldades, temas, desejos no antes, durante e depois de ler e escrever um determinado texto?

Poetas e escritores têm oferecido a literatura como fonte possível para conhecermos o processo da leitura e da escrita. Fazendo ficção, preocupados com um certo efeito estético específico que é próprio da linguagem literária, muitas vezes eles (autores) também nos deixam com marcas (explícitas ou não) capazes de reconstruir a relação autor – texto – leitor.

Lygia Bojunga, enquadrando-se neste conjunto de autores e poetas, nos traz uma idéia particular sobre leitura e escrita. Como seriam a leitura e a escrita para Bojunga? Como uma autora reconhecida pelo seu público e premiada diversas vezes pelos seus livros falaria sobre o processo de leitura e escrita?

Para Bojunga Nunes, a leitura e a escrita têm diversas funções, diferentes facetas, atendem a diferentes necessidades, desejos e expectativas. São diferentes as situações em que Bojunga revela o ato de ler e escrever na formação do cidadão consciente do social e capacitado para o convívio. Em muitas de suas obras, a autora traz personagens que fazem uso da leitura como meio para auxiliá-las no convívio social, como forma de comunicação social. Suas personagens lêem e escrevem cartas, bilhetes, placas, avisos e outros escritos como forma de comunicação do indivíduo com o mundo ao seu redor, como forma de socialização e de atuação na sociedade. É o que podemos encontrar, por exemplo, no livro *Angélica*:

“Venha comer no Restaurante Formoso. É lindo, agradável, gostoso, tem tudo o que você sonha comer. Por preços tão baixos que é preciso ver...”²⁴

“O garçom trouxe os cardápios, deu um para cada um, e ficou esperando que eles lessem e resolvesse o que queriam comer. Porto se apavorou: pronto! Agora Angélica ia ver que ele não sabia ler...”²⁵

Percebe-se aqui a importância de se saber ler para se manter no convívio social. Para comer é preciso ler o cardápio para fazer o pedido. Para se manter no círculo de amizades acredita-se na necessidade de apresentar-se com o domínio da leitura.

O domínio da leitura vai também ao encontro da comunicação. A leitura e escrita de cartazes é um meio explorado pelo livro *Angélica*:

“Angélica é uma peça que ninguém pode perder. É tão bacana que você precisa ver. Domingo às 4 horas...”²⁶

Esses momentos de escrita ilustrados por cardápios, cartas, anúncios expressam bastante a sociedade grafocêntrica em que vivemos. Se por acaso alguém não souber ler não ficará sabendo sozinho de preços baixos na oferta de restaurantes ou de peças de teatro, por exemplo. O que essas citações nos mostram é a real necessidade da leitura para comunicação, e de certa forma, para se viver em sociedade.

A escrita está diretamente relacionada à leitura. O valor dado a escrita é cultural e histórico, o que nos faz entender a necessidade que temos da escrita *“ser desmitificada e, nesse sentido, ter seu valor relativizado segundo seu uso ou não pelas diferentes culturas.”²⁷*

Por esta definição do valor da escrita, conclui-se que este é dado de acordo com o meio em que se vive. Assim, como vivemos em uma sociedade ocidental grafocêntrica, pode-se dar um valor muito alto à escrita, e esta pode assumir vários significados.

²⁴ Lygia Bojunga, *Angélica*, p. 24.

²⁵ Ligia BOJUNGA, *Angélica*, p. 32.

²⁶ *Ibid*, p. 83.

4.1 – Ler e escrever tematizados por Lygia Bojunga

Lygia Bojunga Nunes traz em seu elenco de livros um conjunto de obras que tematizam, poeticamente, o ato de ler e escrever. Buscando falar sobre seu próprio processo de leitura e escrita e seus significados, Bojunga produz uma trilogia: Livro, Um Encontro com Lygia Bojunga Nunes; Fazendo Ana Paz; Paisagem.

Livro, Um Encontro com Lygia Bojunga Nunes, traz um monólogo em que apresenta uma relação muito particular com livro e a leitura. Neste livro, ela apresenta sua vida de leitora, seus “casos de amor” com a leitura e nos dá a idéia do que seria, para ela, a leitura:

“Eu, leitora, crio com a minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras.”²⁸

É nítida a relação intensa com o livro que esta autora possui e, pensando nisso, nos mostra acreditar na necessidade de expressar seus pensamentos sobre a outra parte do livro, que é escrita.

Para isso, Bojunga escreve o livro Fazendo Ana Paz. Este livro conta todo o percurso da autora ao elaborar a história de uma garota que sempre “fugia” de seus pensamentos. É um livro que mostra os altos e baixos da escrita, as dificuldades e alegrias do escritor e como a trama da imaginação se desenrola até chegar à grafia.

No entanto, como Bojunga Nunes parece estar de acordo com Manguel (1997) quanto ao complemento que a leitura dá à escrita e vice-versa, nesse processo de falar sobre a leitura e escrita, a autora decide unir as duas “metades da laranja” e misturar o processo da leitura e da escrita em um único livro que chamou Paisagem.

²⁸ Aracy Alves MARTINS, A Escolarização da Leitura Literária, p. 236.

Paisagem é uma narrativa que engloba, então, dois momentos da escrita: o momento da criação (papel do autor) e o da nova criação (papel do leitor). Para que essa narrativa aconteça, Bojunga cria Lourenço, uma personagem que dialoga diretamente com a autora, e se faz leitor incondicional desta, auxiliando na recriação da obra e acabando por fazer parte dela.

É na verdade, um grande jogo com a imaginação que traz a mistura da leitura e da escrita, completando o desenvolvimento da trilogia.

São histórias inventadas por Bojunga, com personagens que se movimentam, representando ora o papel do autor, ora o papel do leitor, no momento da (re)criação dos sentidos, com personagens que até parecem “reais”, tamanha a intensidade que o narrador lhes dá.

Esta parte de nosso trabalho pretende buscar nas três obras: *O Livro*, *Fazendo Ana Paz* e *Paisagem*, momentos em que a autora se detém a falar sobre o ato da leitura, da escrita, do papel do escritor e do leitor, do encontro do leitor com o livro – autor, do mistério da leitura e escrita.

Partindo disso, buscamos investigar: como a autora apresenta a leitura e escrita; O que é ler e escrever para ela; Como esses atos se configuram em suas obras, especificamente nestas já citadas; Com que, expressões, ela nos descreve seu jeito de ler e escrever .

Comecemos, então, pela escrita.

4.2- O Ato de Escrever

²⁸ Lygia BOJUNGA, Livro, Um Encontro com Lygia Bojunga Nunes, p. 21.

Para Bojunga, o ato de escrever aparece ligado a algumas idéias, alguns quereres, alguns fazeres. Perda e busca.

- A urgência -

A escrita precisa ser feita com urgência.

Na obra, *Fazendo Ana Paz*, a autora traz alguns indícios disso:

"A urgência da Raquel me arrastou..."²⁹

"A Ana Paz chegou tão forte que eu senti que ela não ia mais me largar até eu fazer um destino pra ela, até eu escrever uma vida pra ela ir morar..."³⁰

"...e daí que depois de mais duas semanas no branco, eu senti numa Terça-feira cedo a urgência de fazer uma moça..."³¹

"...o dia estava clareando. Senti urgência muito minha conhecida: ir pro jardim...larguei o podão e fui escrever alguém."³²

O que vemos aqui é uma forma da autora tratar a escrita. Serve para firmar ou guardar um pensamento que vem rapidamente e não pode passar sem se transformar uma linguagem comunicativa. Há uma busca desenfreada por escrever, para que não se perca a idéia. Há um emergência no fazer, que arrasta, que chega forte, que faz a escritora sentir-se tomada pela palavra, mas que não é estranha, nem tão pouco desconhecida, mas é familiar, gostosa de ser sentida, e não a deixa tranqüila.

²⁹ Lygia BOJUNGA, *Fazendo Ana Paz*, p. 12.

³⁰ *Ibid*, p.15.

³¹ *Ibid*, p.16.

³² *Ibid*, p. 40.

Na verdade, Bojunga trata a escrita como urgência justamente para não deixar o pensamento passar e fazer com que a história tenha sempre continuidade e possibilidade de ser conhecida.

- A sedução-

Outra idéia que podemos inferir a partir das palavras desta autora é que a escrita toma toda a vida do escritor. Ela (a escrita) é tão sedutora que adentra sua vida, a faz sonhar com personagens, perder o sono por eles, pensar o dia todo neles ao ponto destes personagens se confundirem. Algumas passagens:

“E ainda por cima uma outra personagem entrou no meu estúdio: cabelo branco...”³³

As personagens ganham vida e entram na vida de Bojunga a ponto de tomar lugar na sua casa, no seu local de trabalho, tamanha intimidade desenvolvida.

“...e até o último parágrafo do livro (que ficou chamando a Bolsa Amarela) a Raquel não saiu de perto de mim: exigente, obstinada, centralizadora...”³⁴

A personagem chega, entra, exige, manda, orienta a vida e a escrita da autora. A autora cria um personagem que toma conta de sua vida até o fim da escrita. Vejamos outros livros e outros personagens:

³³ Lygia BOJUNGA, *Fazendo Ana Paz*, p. 19.

³⁴ *Ibid*, p. 12.

“A Ana Paz chegou tão forte que eu senti que ela não ia mais me largar até eu fazer um destino pra ela...”³⁵

“Mas depois eu encontrei ela de novo. Num sonho que eu sonhei...”³⁶

“Ana Paz porque você apagou a luz?...quer acender essa luz?

Só se você faz o meu pai.

Eu não posso fazer o teu pai no escuro...

Pode sim: eu já vi você escrever no escuro...

...Primeiro eu quero meu pai.

Mas que menina!...”³⁷

São muitos momentos em que Bojunga declara o quanto a personagem faz parte de sua vida, descrevendo em que situação isso acontece, repetindo as (re)aparições de uma mesma personagem. Ela sai e volta. Ela manda entrar, ela volta. Ela chama ela não vem; ela a chama e ela não vem. Tem uma personagem mas não consegue escrever uma letra. Ela que dar um fim nela, mas pára.

- As nuances-

Em Lygia Bojunga Nunes, o ato de escrever toma diferentes nuances e sentimentos; Traz contentamento...

“...fiquei contente: eu ia começar a fazer o que me deixa mais contente de fazer...”³⁸

Escrever é gostoso. Traz prazer. É a operação primeira de se realizar totalmente.

³⁵ Ibid, p. 15.

³⁶ Ibid, p. 38.

³⁷ Lygia BOJUNGA, Fazendo Ana Paz, p. 38

³⁸ Ibid, p. 15.

Mas se podemos pensar que para Bojunga Nunes escrever é gostoso, podemos pensar que, por ser o que ela mais gosta de fazer, é uma atividade fácil, é aí que nos enganamos. Bojunga nos diz também que escrever...

...Não é fácil...

*"...assim que eu me debrucei no caderno pra continuar escrevendo a Ana Paz, o meu lápis foi esbarrando numa pergunta atrás da outra...uma interrogação ia puxando a outra...a Ana Paz não apareceu mais. Nossa! Empacar todo escritor empaca. Mas assim?"*³⁹

*"Tinha acontecido outra vez. A cena que eu estava fazendo se partiu, o pai me escapava, voltava pra morte dele; e não adiantava eu querer trazer ele pra página em branco: cada vez que eu começava a escrever o pai ele voltava pra primeira cena do livro. Empaquei..."*⁴⁰

Escrever é parar. Empacar. Mas, por quanto tempo? Alguns dias, algumas semanas, meses, horas?

Isso nos pode causar a impressão de que o escrever traz sentimentos de dúvida também. Alguns livros permanecem em gavetas, outros ficam arquivados na memória do escritor até que este se coloque à disposição da escrita, outros livros chegam e saem rapidamente. Mas nada descarta a possibilidade de vermos a escrita como um processo doloroso, trabalhoso, difícil, em que não basta ter a habilidade de escrita, ou a capacidade intelectual, ou até mesmo o domínio literário. Para escrever é preciso viver tudo o que foi falado e algo mais que pertence a cada escritor e sua experiência de vida.

Além disso é preciso aproveitar cada momento com a criação.

*"...eu não escrevi essa cena de uma vez só...a cena da velha foi saindo cada dia um pedacinho (e era tão bom todo dia eu abrir o caderno e encontrar essa personagem lá me esperando pra ser feita mais um pouco)..."*⁴¹

Como se fosse uma relação íntima, mas flexível aos momentos de verdadeira condição de escrita. É preciso manter-se bem firme ao lado da obra criada, é preciso

³⁹ Ibid, p. 15.

⁴⁰ Ibid, p. 36.

manter-se levado ao mais íntimo momento de renúncia das coisas de fora para abrir o caderno e encontrar a personagem esperada.

- Ato secreto-

Escrever é algo secreto, que deve ficar entre o escritor e o escrito...

"A impressão era que eu só escrevia mesmo se eu ia pro meu quarto e fechava a porta...e até hoje, mesmo para escrever uma carta, o meu primeiro movimento é me isolar e fechar a porta..."⁴²

Na verdade, o que nos parece é que, neste caso, escrever se relaciona com intimidade, com eu, com interior. O escritor precisa estar voltado para si próprio e para o escrito. Precisa manter um relacionamento íntimo com a produção escrita para que apenas aquilo que ele (escritor) vê, sente, vive, ouve, aprende e pratica sejam transcritos na obra. É, por isso, uma relação única, que não permite terceiros, mas que traz a intimidade e o contato direto do criador com a obra criada.

Escrever é algo que vem do nosso imaginário...

"...para mim, fazer livro é ir puxando um fio que dependura lá do meu sótão (o tal sótão que a gente tem: nevoento, misterioso, onde mora o subconsciente, o sonho, a imaginação, a intuição, a fantasia, o medo)." ⁴³

É uma relação tão íntima que reflete o imaginário, aquilo que está guardado no fundo da mente de cada um dos escritores e por isso é individual e único. Cada um tem seu jeito...

"...ano atrás de ano eu ia seguindo o jeito – modelo, toda esquecida que escrita é feita gente, cada um tem seu jeito..." ⁴⁴

A autora nos revela algo que aconteceu em sua trajetória de escritora. Sua concepção anterior era aquela que coloca o indivíduo como um seguidor de modelos, normas, e que não possui estilo próprio. Mas a própria autora vem nos atentar para a

⁴¹ Ibid, p. 24.

⁴² Lygia BOJUNGA, Livro, p. 37.

⁴³ Ibid, p. 46.

idéia de individualidade que cada pessoa tem. A idéia que se tem é que cada um tem um estilo de escrita, e que por isso os modelos não devem servir como base para que alguém realize um processo de escrita, mas que cada um precisa escrever aquilo que tem em seu imaginário, em seu interior, a ponto de criar um estilo próprio, uma forma de expressão única, diferenciada e personalizada.

- Gerar um filho -

Escrever é viver cada personagem como se fosse um filho sendo gerado.

“...eu não tinha nem pensado que a gente podia parir personagem assim...”⁴⁴

“...- que é isso, Ana Paz! O teu pai é um personagem, e personagem é feito filho da gente, ruim ou bom a gente gosta dele...fazer personagem é ato de entrega, de amor...”⁴⁵

É interessante verificar indícios de uma relação maternal dela (escritora) com a escrita. O sentimento de criar, de doação, de amor, de carinho pela escrita parece ser tão forte em Bojunga Nunes que ao se expressar ela se coloca como que falando de um filho seu ou de um ente muito querido.

Isso pode representar a relação de total entrega que o escritor deve ter com o texto. Representa até um amor incondicional, em que, seja o texto bom ou ruim, pelo menos um admirador terá, que será o próprio escritor, como uma mãe que acaba de ter um bebê e que, mesmo sendo cheio de brotoejas, com o rosto inchado, e com os olhos fechados ainda, é considerado, por ela, o bebê mais lindo da face da terra...simplesmente por ser uma cria sua...simplesmente por ser alguém que saiu de dentro dela...É essa relação que Bojunga faz com as suas criações: amor incondicional, admiração total pelo seu próprio trabalho.

⁴⁴ Ibid, p. 50.

⁴⁵ Lygia BOJUNGA, Fazendo Ana Paz, p. 12.

⁴⁶ Ibid, p. 40.

- O Ritual -

Mas escrever é também um ritual. Exige um certo lugar, uma posição, uma postura, cercar-se de objetos pessoais, numa determinada ocasião, uma preparação:

*"...E fiz mais espaço na mesa, e fiz ponta em tudo que é lápis. Fiz café pra ir tomando. Fiz tudo isso só pensando no caminho que a gente ia fazer junta, eu e a Ana Paz."*⁴⁷

Não deve ser feita em qualquer lugar de qualquer jeito.

*"...eu fui andando cada vez mais devagar na minha história..."*⁴⁸

"...Ô, Ana Paz, quer acender essa luz?"

— Só se você faz o meu pai.

*— Eu não posso fazer o seu pai no escuro..."*⁴⁹

Esse ritual passa pelo ambiente físico (como arrumar a mesa, apontar o lápis, fazer café para tomar), mas também passa pelo pensamento: precisa acontecer "às claras"; é impossível escrever no escuro, ou seja, sem uma luz, uma idéia...

Apesar desse ritual para escrever, o resultado da escrita de Bojunga é uma **ciranda sem fronteiras**.

Isso podemos verificar através da maneira que Bojunga une o real com o imaginário. Pessoas reais, casas reais, objetos reais entram no mundo da ficção através da memória da autora. Na verdade, Bojunga coloca em sua escrita elementos de sua vida real como lugares e pessoas com quem conviveu ou convive, se relacionando com suas personagens e histórias, como podemos ver nas seguintes passagens:

*"Resolvi antes de mais nada levantar a casa. Eu fiz ela toda de sobras. Uma sobra da casa do meu avô, outra da casa da minha tia, outra do apartamento da professora de inglês... De cada morada eu tirava um pedaço, pra ir levantando a casa onde minhas três mulheres iam se encontrar."*⁵⁰

"Fui gostando tanto de fazer a casa que, em vez de ir pra mesa escrever, eu ficava balançando na rede, trazendo pro meu estúdio uma porta da minha vó, um pátio da minha outra vó. Parava de fazer a casa e ia plantar no pátio um pé de jasmim que tinha no jardim da minha prima;

⁴⁷ Ibid. p. 15

⁴⁸ Ibid, p. 25

⁴⁹ Lygia BOJUNGA, *Fazendo Ana Paz*, p. 38

⁵⁰ Ibid, p. 25

botava num quarto da casa o guarda-roupa de espelho na porta que um dia eu encontrei num quarto de hotel; botei até na cozinha uma torneira que sempre pingava lá onde eu me criei."⁵¹

Escrever é uma bricolagem, uma colcha de retalhos. O escritor pode não reconhecer o fio que puxou ou então pode saber facilmente nomeá-lo. De qualquer maneira, o escritor põe no papel o que sabe, vive, conhece, ama. O que prova que não há dois escritores : um de fatos reais e outro de fatos imaginários. Na verdade, Bojunga Nunes mostra que não há divisão entre o real e o imaginário. Sua vida pessoal mistura-se com a escrita. Sua relação com a criação é baseada naquilo que viveu.

O que se pode entender de Lygia Bojunga é que, para escrever, ela se “encontra” com a escrita. Debruça-se sobre aquilo que está em seu pensamento, se entrega, se arrasta ao encontro daquilo que quer e busca aquilo que é real, e que não fica apenas no imaginário. Isto reflete uma busca de significação da escrita, e ao considerarmos esta significação da escrita a leitura, entendemos o que é leitura para Bojunga.

4.4-A Leitura – Leitor

Sempre que pensamos em leitura, nos vem a idéia de leitor. Nos parece óbvio que a *leitura tenha o objetivo de atingir o leitor afinal este leitor:*

*“...mais que destinatário dos enunciados produzidos por alguém, é a outra face que recupera o autor para com ele dialogar em circunstâncias sempre singulares...”*⁵²

Identificamos, assim, uma relação de diálogo entre leitor e autor que acaba por ser sempre necessária no processo de leitura para que esta mantenha seu papel de porta para construção da realidade.

Essa necessidade de diálogo do leitor com o autor é justamente o que é priorizado por Bojunga na sua concepção de leitura.

-Ler é perder-se-

⁵¹ Ibid, p. 26

⁵² Ibid, p. 122

Para Bojunga, ler é se perder nas idéias do escritor e reencontra-las com significado próprio que o leitor dá a ela, enveredando-se pelo livro como se estivesse *“por um território sem fronteiras, nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor...”*⁵³

O leitor, ao apropriar-se da escrita dá a ela uma resignificação. E isso nos traz uma consequência: *“Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor se tornam uma só coisa...”*⁵⁴ Na verdade há uma relação muito intensa entre leitor e escritor. A leitura é nada mais do que se emaranhar nas idéias que o escritor traz, e fazer desta leitura uma forma de significar o que está escrito para si. Ler é entender várias idéias e tomar o significado mais contextualizado para si.

-Um caso do amor-

Bojunga considera a leitura como um caso de amor, como um encontro entre pessoas que se identificam, têm afinidades. Leitura um envolvimento intenso que liga autor e leitores por toda vida, em diversos momentos. Para ela, o leitor é *“uma ocupação maior, e acho também que se um leitor se liga numa escrita...é porque existe uma coisa chamada afinidade...”*⁵⁵

Segundo a autora, na leitura, leitor e escritor se relacionam, ou melhor, a leitura se baseia na afinidade entre o leitor e o autor, afinidade esta que interfere na arte do outro e ambos assumem tanto o papel de autor como de leitor. Um anula o papel do outro, e também valoriza a função do outro.

Fazendo-se a relação do livro com a escrita, entende-se que o livro é o resultado do trabalho do escritor, e que a leitura o resultado do trabalho do leitor. Se ao final da leitura o livro e o leitor são um, pode-se dizer que o leitor e o escritor também se tornam um, se tornam almas gêmeas:

⁵³ Lygia BOJUNGA, Paisagem, p. 8)

⁵⁴ Ibid, p.201

⁵⁵ Ibid, p. 9-10

“Foi andando por lá que de repente eu achei possível o Lourenço ter sonhado com uma paisagem tão parecida com a minha. Afinal de contas, se ele conhecia de cor o meu jeito de escrever e de criar personagem, e se ele também se ligava no mar, num barco, numa flor, por que não era possível uma ‘coincidência’ assim?”⁵⁶

Lourenço, enquanto personagem criado por Bojunga, é aquele que lê, conhece todas as obras da autora e dela sabe tudo: sabe sobre seu estilo, sobre o que escreve ao ponto de ser capaz de antecipar aquilo que ainda não foi criado pela autora.

A afinidade entre eles é tão intensa que, enquanto personagem – leitor, ele opina, sugere, critica, “palpita” sobre a obra da autora. É o que vemos, por exemplo, na seguinte passagem:

“...e o Lourenço foi me contando que o livro X era o preferido dele, só que o final é muito ruim, você não soube acabar a história; mas em compensação o final do livro Y foi muito bem encaminhado, só pena que não dá pra gente acreditar no personagem, mas em compensação no teu último livro, que eu também gosto muito, a idéia é ótima e a gente acredita tintim por tintim...”⁵⁷

Cartas como a acima citada aparecem por todo o livro como forma de comunicação entre leitor e escritor. Sabemos que esta comunicação não é totalmente colocada, mas o interessante é verificar como essa comunicação tão íntima traz influências na forma de escrever da autora. Vejamos o exemplo:

“De manhã cedo eu escrevi um cartão pro Lourenço, dizendo que eu tinha ficado muito interessada no sonho dele mas que não tinha me falado muito da cor do sonho. As pedras, por exemplo, de que cor elas eram? E o barco? E a casa? ... Eu estava tonta: não se tratava mais de uma paisagem parecida, era uma paisagem igual...”⁵⁸

Aparece aqui uma relação em que a autora recebe instruções do leitor sobre como escrever. Essas instruções não soam como ofensa, mas como forma de

⁵⁶ Lygia BOJUNGA, Paisagem, p. 16.

⁵⁷ Ibid, p. 10.

⁵⁸ Ibid, p. 17 - 18

colaboração, como se Lourenço e Bojunga fossem um só, escrevendo uma só história, com uma mesma história da vida.

-Leitor: ser imaginário-

Barthes(1984) traz a definição do sujeito leitor assim: *“O sujeito leitor é um sujeito inteiramente deportado sob o registro do Imaginário: toda sua economia de prazer consiste em cuidar de sua relação dual com o livro...”*⁵⁹

Esse sujeito leitor que trabalha com o imaginário se resume bem claramente no tipo de leitor para quem Bojunga escreve. Pelo imaginário ser a força de Bojunga, seus leitores precisam ter a característica de saber trabalhar com esse estilo, afinal o leitor, para Bojunga é o *“Leitor de letra maiúscula...a gente fica tão ligado nesse escritor que é capaz até de intuir o que ele vai escrever...”*⁶⁰

Leitura e escrita trazem uma complementação. Apresentam uma idéia de dependência e podem aparecer juntas no mesmo texto. Para que isso aconteça, segundo Bojunga, um dos caminhos é usar a imaginação e, então, a Leitura pode ser um complemento da escrita.

⁵⁹ MARTINS apud R. BARTHES, Rumos da Língua, p. 303.

⁶⁰ Ibid, p. 35

Capítulo V

Considerações (Não)Finais

Lygia Bojunga é uma autora que fascina o seu público. O envolvimento que proporciona com as suas obras é tamanho que nos faz pensar na garantia de sucesso de suas obras e na habilidade que a autora tem de dar vida real aos seus personagens.

Bojunga é uma das autoras que mais se dedica ao fazer história baseada em fatos de sua própria realidade. Isso pode nos fazer pensar sobre o fato desta autora escrever realmente aquilo que sabe, aquilo que tem conhecimento de causa, sobre aquilo que vive. Bojunga entrelaça realidade e imaginário, e nos faz viajar em um mundo que tem a fronteira do real, mas está com as portas abertas para a imaginação.

Essa qualidade de manejar muito bem a relação do real com o fictício é um de seus pontos fortes, e talvez seja o ponto que nos faz considerá-la uma autora que poetiza a realidade, fazendo desta um caminho longo, e muito gostoso de ser percorrido.

Um ponto que nos deixou em questionamento foi a maneira como Bojunga trata da escrita e a leitura, mais especificamente a escrita. De maneira muito peculiar, a autora traz algumas características do ato de escrever que nos denotam um ar de docilidade, ternura, carinho, e ao mesmo tempo, um momento de tensão, dor, dificuldade e temor.

Trabalhando com metáforas, Bojunga revela que escrever é passar por momentos difíceis, aqueles em que não se tem inspiração, idéia, vontade de escrever. Escrever é passar por momentos de crise com a personagem, de imposição de vontades, de conversas com personagens. Escrever é chegar ao ponto de encontrar o leitor ideal, aquele que opina, sugere temas e estilo, e que também é capaz de prever/antecipar aquilo que será escrito. Imaginação e realidade, autor e leitor, obra e vida sem fronteiras.

Podemos dizer que a metáfora melhor utilizada para expressar essa relação do escritor com a escrita é a de gerar um filho.

A mãe que passa pelos momentos da gestação, vivencia o crescimento do bebê, assim como o escritor vivencia o momento de criação da história ou de personagens, até chegar o momento das dores de parto, que podem acarretar crises, dores, mal estar, e até mesmo uma luta interna quanto à identidade de autor e o seu reflexo na vida do personagem ou da história. Há sempre o final recompensador, que nos anima a continuar, que é ver o crescimento daquele que foi gerado, é ver o seu desenvolvimento a sua capacidade de independência, e a sua necessidade de ter alguém por perto, enfim, a idéia de amor incondicional por aquele que foi gerado, parido e agora está crescendo.

Bojunga deixa transparecer, também, a idéia de que a escrita é muito complexa., ou seja, um escritor sabe escrever, lida cotidianamente com o ato de escrever e nem por isso, acha fácil o ato de escrever.

O que não entendemos, no entanto, é quanto a maneira que a escola (lugar que teoricamente se aprende a ler e a escrever) trata do assunto da escrita.

Se a escrita pode ser dolorosa, pode ser trabalhosa, e por isso exige elaboração, dedicação, como a escola pode, muitas vezes, achar que a falta de idéias, a dificuldade de escrita é culpa exclusivamente da criança? Como pode a escola encarar o ato da leitura e da escrita como algo natural, simples e homogêneo?

A escola deve se tornar um lugar onde se ensina pensar, e a escrita é um bom meio para isso: escrita leva leitura, leitura pode levar a reflexão, reflexão pode levar à transformação.

E transformadora é como Lygia Bojunga Nunes se apresenta, uma escritora/leitora que traz o pensamento reflexivo e busca, antes de tudo, quebrar tabus, ou seja, Bojunga Nunes é uma transformadora.

Bibliografia

- ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil. SP : Scipione, 1989.
- ABREU, M. (org) Leitura. História da Leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras/ALB/FAPESP, 1999.
- AZEVEDO, R. Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão ! IN: Revista Presença Pedagógica, RJ, n. 25, v.5, jan/fev 1999.
- BOJUNGA, L. Corda Bamba. RJ : Civilização Brasileira, 1981
- _____. Angélica. RJ : Agir, 1982
- _____. A Bolsa Amarela. RJ: Agir, 1990
- _____. Meu Amigo Pintor. RJ: José Olimpyo, 1990
- _____. Os Colegas. RJ: José Olimpyo, 1990
- _____. Fazendo Ana Paz. RJ : Agir, 1992
- _____. Paisagem. RJ: Agir, 1998
- _____. Livro: Um encontro com Lygia Bojunga. RJ: Agir, 1998
- CERTEAU, M. A invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.
- CHARTIER, A. M. A Escolarização da Leitura Literária. Tradução de Maria Lúcia Jacob Dias de Barros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. A aventura do Livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

COELHO, N. Literatura Infantil. SP: Ática, 1993

_____. Literatura Infantil. Brasília: Queiroz, 1981.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. A formação da leitura no Brasil, São Paulo: Ática, 1996.

_____. A leitura rarefeita, livro e leitura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Literatura Infantil Brasileira: História e histórias. São Paulo: Bom Livro, 1985

MANGUEL, A Uma história da leitura. São Paulo: Cia das Letras, 1997

POTHAKOS, B e SOUZA, I. Lygia Bojunga Nunes. Imagem (re)velada na página e no palco. IN: Releitura, BH, n. 11, outubro, 1998.

SANDRONI, L. De Lobato à Bojunga – as reinações renovadas. RJ: Agir, 1987

SERRA, E.(org.) 30 anos de Literatura para crianças e jovens – algumas leituras. SP: Mercado das Letras, 1998.

SEVERINO, A J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2000.

ZILBERMAN, R. (org.) A produção cultural para crianças. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.